

# Abram alas no Recital dos Sisudos

---

**Patrícia Lino**

UCLA

• [patricialino@g.ucla.edu](mailto:patricialino@g.ucla.edu)

**URL** <http://patricialino.com>

**DOI** [https://doi.org/10.34913/  
journals/lingualugar.2020.e423](https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2020.e423)

## PEQUENA TRAPAÇA ENGENHOSA

141

Obedeço aos impostos anuais e às instituições onde ensino poesia, desaprendendo a pátria, o belo, o cânone e a praxe. Sou uma mulher leal, ordinária e tenho alguma dificuldade em posicionar-me verticalmente no hábito e na prática.

Obedeço à respiração, ao sol e cada vez mais ao cansaço dos dias úteis, reconhecendo a luz e a beleza espontânea que há em inspirar e expirar, tremendo, uma e outra vez até à morte, ao sonho e à memória. Sou um rapaz terno

que obedece às regras de segurança e tédio dos aeroportos à gravidade, à visão, à escuta. Deposito no verso o sopro do que vejo e escuto, e escrevo de cabeça erguida, ouvido voltado para a reverberação do grande mundo reprimido.

Obedeço ao poema, que é o silêncio em fala, a curvatura do meu corpo até ao chão, noventa graus um pouco tortos e interessam-me os tortos, o mundo coxo. Vou de orelha encostada às nossas mães e avós, de olho e retina aguçados

sobrevoando a história total. Interessam-me o estudo aéreo e o rigor panorâmico das aves. Sou uma galinha, descendo do antigo quetzalcoatlus e ataco, visceral e gorda, o antigo e masculino consórcio dos deuses. O poema é um tijolo alado.

Obedeço sobretudo ao amor, aos semáforos e aos sinais de rua. Um assegura os outros, os outros asseguram o amor. A carne interessa-me também, como me interessam os sismos, a dor as mãos e as correntes de água. Trepo o diospireiro da casa

com o único propósito de comer. Caio, ascendo e incendeio o jardim. Sou uma menina muito delicada e é com delicadeza que projeto o poema monstruoso, como um ralo no Pacífico e logo adormeço. Nasci para exercer o feminino e o atómico.

Achega-te, inala e corta, tal a machadada  
no que suporta o busto, que quando a cabeça caia  
te sobre ainda tempo para o entulho. Começa

por baixo, no sentido que mais te aprover  
e não te assustes, porque há na cesura o encontro  
com as partes. O que desaba não é a tradição  
mas o fabrico do passado. Cerceia a eito  
o monstro pela raiz e, caso eles te cusпам  
adianta, arreganhando os dentes, a mordidela.

Se te faltar força, descansa o braço, repousa  
o olho com que escutas o princípio. E de volta  
ao dispor ambos os pés sobre as arestas do pedestal  
tem cautela. Não é a tradição que desaba, ou a lisura  
mas é muito o que descamba. Há quantas palavras  
afinal, firmaram eles as pautas e a praxe?

Agora que deste a espalda à peleja e o coração  
à demanda, percebes como o golpe prediz a borda  
vária e desconhecida, da máquina, que à máquina  
sucederão a boca e as línguas, o gesto e os corpos  
em meia-luz. Ao desígnio da invenção seguirá  
por seu turno, a vida. E, como um susto, a vida

não se prevê. Cabeleiras, grinaldas e dorsos rolarão  
porque à história agradam as piruetas, para o museu  
das coisas amorfas. Augúrios de lado, o canto faz-se  
de ouvido pregado à terra. Verga-te, por isso, até  
à oscilação vaga e firme do achado. Aprende  
tão perto da morte, a toada circular do recomeço

e escuta como, ao tombo estirado dos gigantes de pedra  
despontam plantas e grilos num reino de calhaus.  
Se falassem, em que tempo do tempo lhes falarias?

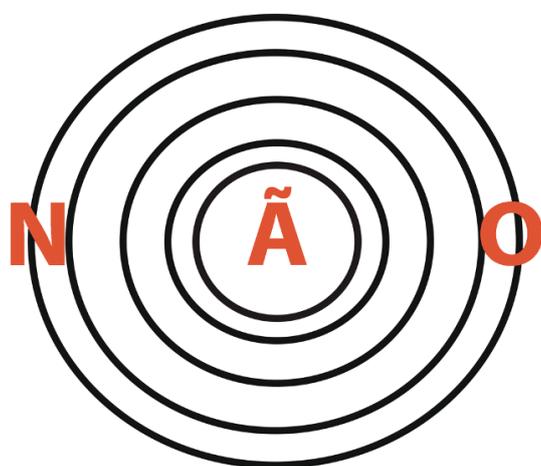
## USINA NUCLEAR

143

Sobrevivi às tias, ao mar e ao cânone  
à cantada gutural e seca dos macacos  
ao disparo do canhão e às mazelas  
dos gatos. E franzindo a sobrancelha  
sobrevivi também ao fervor copulativo.  
Comprei cactos, vassouras, panelas.  
Sou um erro do sistema, “uma usina  
nuclear”, disse ele gracejando. Afinal  
sobrevivi à nação do eterno ontem e  
em silêncio, corroborarei o receio  
dos inimigos: um grito sem volta.  
Como sobrevivi, não importa:  
talvez em silêncio, talvez cantando.  
Aborrecida, não pude senão, furiosa  
agarrar-me ao tempo, trepar as costas  
largas dos deuses. Sobrevivi também  
ao pater familias e ao braço, inquieto  
colossal e farto da escrita. Aqui estou  
entre a tradição e a voz, escrevendo  
contra um país burro. Impossível  
na verdade, roçar a língua na palavra  
lúcida, e responder: como sobrevivi  
a este braço potente que é a extensão  
de um corpo teso, quadrúpede dizendo  
e **insistindo**, mais do que tudo crendo  
na bizarrice do poema primo e cintilante?

**NÃO**

<http://www.patricialino.com/nao.html>



**A LUTA ENDIABRADA DE UM BRAÇO**

Tenho tanto medo de partir um braço sobretudo o esquerdo, e tornar-me absolutamente inútil. Como errar o mundo sem errar a gramática? E como errar a gramática sem um braço? Especialmente o esquerdo danado e pungente, um bastão feminino empenhadíssimo em dizer a história natural no país dos cordiais?

Dizer a história natural é errar a gramática e errar a gramática é errar o sujeito regressar ao início dos inícios do planeta à primeira casca de banana, tropeçar no primeiro dos murros, escancarar-se através da luta endiabrada de um braço gago e engasgado, mínimo, pateta

o membro esguio de um corpo no espaço um desvio promissor até ao presente

Ou a canção gigante

**ARGOS**

<http://www.patricialino.com/argos.html>



**POÉTICA ZAROLHA**

Dedico-me ao verbo e à navalha  
com que não aparo os pêlos filosóficos  
(apesar de saber como os usavam  
cínicos, estoicos e peripatéticos)  
e com que relutante disseco a tradição  
o cascalho, a anatomia canónica.  
Repouso a faca sobre as duas pernas  
e falta-me a paciência, a saúde  
sintática. O poema é o poema será  
ora esta vontade de duas coisas  
ora a reserva com que me encolho  
e recolho. A mudez voluntária  
do indicador alado, que dá voltas  
projetando a forma: aperfeiçoar  
o que se torce e contorce, o dorso  
truncado, teso, ante a sentença  
crítica, as listas, a santíssima  
trindade. Contornar o aborrecido  
estado das coisas, benzer o feio.  
Eva Maria, cheia de graça, mãe  
irmã, avó, abençoi-nos. Amen.  
Parar aqui ou adiante, entoando  
o canto empenhado, engasgado  
suado. Preocupa-me sobretudo  
a palavra zarolha, anamórfica.

**POLYAMOROUS**

<http://www.patricialino.com/polyamorous.html>

POLYAMOROUS

ME

ME YOU

YOU ME HE

SHE HE THEM US

ME YOU US SHE HE

YOU THEM YOU THEM

US ME YOU SHE HE THEM

US ME YOU SHE HE THEM

YOU THEM YOU THEM

ME YOU US SHE HE

SHE HE THEM US

YOU ME HE

ME YOU

ME